CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ANTONIO PIETRANGELI, ESSE DESCONHECIDO
EM COLABORAÇÃO COM A 18ª FESTA DO CINEMA ITALIANO
3 e 4 de Abril de 2025

ADUA E LE COMPAGNE / 1960

Um filme de **Antonio Pietrangeli**

Realização: Antonio Pietrangeli / *Argumento:* Antonio Pietrangeli, Ruggero Maccari, Ettore Scola / *Diálogos:* Antonio Pietrangeli, Ruggero Maccari, Ettore Scola, Tullio Pinelli / *Fotografia:* Armando Nannuzzi / *Montagem:* Erardo Da Roma / *Música:* Piero Piccioni / *Cenografia:* Luigi Schiaccianoce / *Interpretação:* Simone Signoret (Adua), Sandra Milo (Lolita), Emmanuelle Riva (Marilina), Gina Rovere (Milly), Marcello Mastroianni (Piero), Claudio Gora (Ercoli), Ivo Garrani (o advogado), Gianrico Tedeschi (Stefano), Enzo Maggio (Calipso), Domenico Modugno, Valeria Fabrizi, Antonio Rais, Duillo D'Amore, Gloria GIII, Roberto Meloni, Nando Angelini.

Produção: Moris Ergas para Zebra Film / *Cópia:* Cinecittá, DCP (a partir de digitalização de suporte em 35mm), preto branco, falado em italiano, legendado em espanhol e com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 125 minutos / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca:* 19 de novembro de 2004, no âmbito do Ciclo "A Casa Programa Para Fora de Casa: Carta Branca a Neva Cerantola".

Há casos de esquecimento na realidade cinematográfica italiana de difícil explicação ou, por outro lado, devidos à ligeireza ou a grave distração. Um destes casos é seguramente Antonio Pietrangeli. Trata-se de um autor com uma obra que atravessa os anos 1940 e se estende até a segunda metade dos anos 60, focando todos os momentos mais significativos do cinema italiano, quer como crítico (nas páginas da revista *Bianco e Nero* conduziu uma batalha em favor do "cinema realista") quer como argumentista para os mais importantes realizadores do momento (Visconti, Rossellini, Germi, Lattuada).

Com **Il Sole Negli Occhi** (1953) Pietrangeli estreia-se na realização e inicia um percurso partindo duma matriz neorrealista, mas, mais tarde, tomará um rumo diferente que o levará a ser uma das maiores personalidades da comédia à italiana. A atenção que Pietrangeli dedica ao papel da mulher, a sua predileção pelos retratos femininos, mantém o realizador em sintonia com as temáticas da comédia dos anos 50. Se **Lo Scapolo** (1955) e **Souvenir d'Italie** (1956) são comédias bastante convencionais, em **Nata di Marzo** (1958) e **Adua e Le Compagne** (1960) Pietrangeli demonstra ser um vigoroso narrador com uma ótima capacidade de retratar as psicologias femininas. A figura feminina, nem sempre protagonista, é muitas vezes o núcleo à volta do qual se desenvolve o enredo. Em **Fantasmia a Roma**, Pietrangeli percorre a estrada, pouco frequentada, da comédia fantástica. Após o *boom* económico, mudam-se os modelos comportamentais, e o espaço fechado dos anos 50 abre-se. E se o papel da comédia dos anos 50 era a reprodução do real, sem traumas, nos anos 60, apresenta-se uma maior mobilidade social, um leque mais vasto de temáticas, um olhar mais duro e menos complacente para com a realidade. Assim Pietrangeli junta-se a um grupo de argumentistas – Age-Scarpelli, Scola-Maccari, Benvenuti De Bernardi, Sonego – escrevendo os seus próprios guiões nos quais reúne elementos dramáticos e irónicos, mas também patéticos e brilhantes.

No início da década de 60, com **Adua e Le Compagne**, Pietrangeli demonstra maturidade na pesquisa da psicologia feminina, apontando sempre para uma imagem feminina forte e com uma grande vontade de autonomia. Uma capacidade que chega ao seu momento máximo no tríptico composto de **La Parmigiana**, **La Visita**, **Io La Conoscevo Bene**, uma trilogia que é um dos momentos mais belos de todo o cinema italiano do pós-guerra.

O percurso de **Adua** não foi dos mais tranquilos, adiado que foi por várias vezes, primeiro por dificuldades com os produtores e, mais tarde, por problemas de saúde e familiares de Simone Signoret. E assim o filme ficou adiado por mais um ano. **Adua** é um dos títulos que menos reconhecimento obteve à época de estreia. Visto com o olhar de hoje, apesar de ser um filme datado, mostra qualidade na fotografia (a preto e branco de Armando Nannuzzi), com uma textura feita de contrastes. A construção das personagens denota o cuidado e a sabedoria dum romance; o argumento, amargo (mas sem forçar o lado melodramático) ilustra a condição social, sem querer mostrar o lado ideológico ou impor necessariamente uma mensagem.

Com **Adua**, Pietrangeli entra no mundo da prostituição. O argumento é muito simples, mas enuncia, pelo menos, dois temas relevantes: a libertação do passado e a ocasião de resgate oferecida pela lei Merlin (que impôs, em 1958, o fecho das casas de alterne) numa viagem através da realidade italiana dos anos de *boom* económico. E a arte de Pietrangeli consiste em oferecer uma representação de tudo isto, sem escândalos nem denúncia: o que interessa aqui são os retratos das quatro protagonistas e a sua relação com o mundo.

Adua, a mais velha, parece ser a mais fria e a mais calculista. É ela que propõe o projeto da "trattoria" como disfarce para continuar a actividade da prostituição, agora ilegal. É ela que, dentro do pequeno grupo, emerge como guia carismática. Marilina (Emmanuelle Riva), num frágil equilíbrio, tem dificuldade em se adaptar à nova situação e não aceita facilmente a fadiga do novo trabalho. Milly (Gina Rovere) é a rapariga de origem humilde, inocente e pura. A profissão não conseguiu afectar a sua candura. Vive uma história amorosa "séria", no receio do seu passado e com esperança de uma existência diferente. Lolita (Sandra Milo) vive a sua condição com alegre inconsciência, envolvida no projecto mais por influência de Adua do que por convicção. Dum lado encontram-se elas, do outro, um pequeno núcleo de personagens, todos eles masculinos, eficazes dentro do esquema da narração: o cínico e aproveitador Ercoli, que financia o projecto impondo as suas condições; o Don Giovanni e vigarista Piero Silvagni (Marcello Mastroianni) que revela toda a sua fraqueza no momento em que Adua lhe pede conselhos. E também outras figuras divertidas como o bom Padre, ou abertamente cómicas, como o empresário Tedeschi funcionando, estes últimos, como instrumentos para atenuar a tensão. "Não acredito numa visão maniqueísta que divide o mundo entre bons e maus, em brancos e pretos... Para mim está tudo misturado num inextricável sarrabulho: na tragédia mais angustiante pode-se encontrar o lado cómico e no meio da situação cómica pode surgir o drama" diz o autor.

Fundamental é a escolha de continuar a história através da acção, sacrificando a eficácia do diálogo. Cada situação é introduzida através de um evento que penetra no mundo das personagens e que as obriga a responder com nova situação psicológica

E, de facto, as mulheres revelam-se mudadas, diferentes no seu próprio interior. Para Adua e as "compagne" começa uma nova vida com a aprendizagem de um novo trabalho. A "trattoria" prospera e a elas abre-se a perspectiva duma possível inserção na sociedade sem ter de voltar a exercer a anterior actividade. As quatro amigas, recusando respeitar as condições do proxeneta Ercoli, assistem ao levantamento da licença e ao fecho da "trattoria". O momento máximo desta tomada de consciência coincide com a cena – quase no final – em que elas destroem o restaurante como vingança para com o Cavalier Ercoli: destruição essa que não abre nenhuma porta, apenas cria desorientação. Adua confirma este sentimento, arrastando-se desconsolada no passeio debaixo da chuva: "não consigo mais, não consigo mais". Ela não sabe (ou ainda não sabe) o que vai fazer. Mais uma vez Adua prefere acabar na rua em vez de pactuar com a hipocrisia das regras da sociedade burguesa.